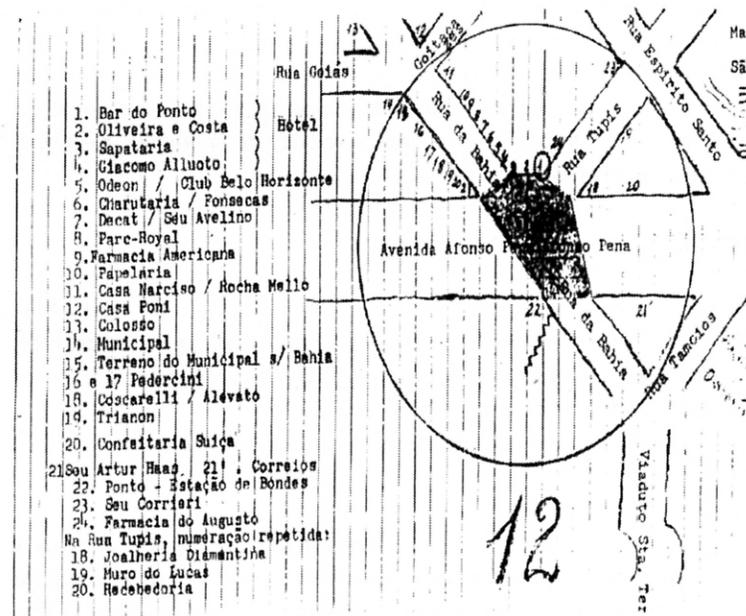


A GEOGRAFIA SENTIMENTAL DO BAR DO PONTO

Edina Regina Pugas Panichi (UEL)

Na obra de Pedro Nava, as representações do espaço são de fundamental importância. Fascinado pelos lugares onde viveu, morou ou freqüentou, retratava esses espaços em desenhos e plantas como se fosse um profissional da arquitetura registrando, literariamente, a geografia de sua cidade. Em Beira-Mar, o quarto volume de suas memórias, as ações se passam em sua querida Belo Horizonte. Apesar do título sugerir a cidade do Rio de Janeiro, Nava, a essas alturas de seus relatos, ainda não chegara



lá. O título foi uma sugestão de Lúcio Costa que numa conversa com o autor questionou se ele chegaria ao Rio no livro que estava escrevendo. Diante da afirmativa, sentença: Então vai se chamar Beira-Mar. E Pedro Nava, numa entrevista concedida a Panichi (1984:15), se justifica: E o livro foi anunciado como Beira-Mar, ficou sendo Beira-Mar e eu não cheguei ao Rio, continuei a rodar pelo interior do Brasil [...]

O primeiro capítulo inicia-se, justamente, no “Bar do Ponto”, um café inaugurado em 1907 e o mais famoso de Belo Horizonte. O estabelecimento extrapolou os seus limites passando a designar o polígono formado pelo cruzamento de Afonso Pena com Bahia – local onde termina também a ladeira da rua dos Tupis. (p. 04). Servia, então, como ponto de referência na cidade, tal a importância que representava para os moradores. Tudo girava em torno dele e as direções e endereços eram indicados a partir de sua localização. Os acontecimentos mais significativos passavam pelo Bar do Ponto. As notícias saíam do Bar do Ponto. Os encontros de amigos e encontros de obrigação eram realizados no Bar do Ponto, tudo devidamente registrado pelo autor. A despeito do nome remeter à idéia de “ponto de encontro”, a designação se justificava porque esse era o local da Estação dos Bondes, o que não invalida, de qualquer modo, a conotação primeira.

Podemos perceber que as representações do espaço são determinantes na obra de Pedro Nava. A sua memória visual permite-lhe descer a minúcias como se os ambientes descritos fossem extensão do próprio narrador. Já no início de Beira-Mar (pp. 03-09), podemos acompanhá-lo explorando os limites do “Bar do Ponto” apoiado num mapa feito de próprio punho e que retrata a Belo Horizonte dos anos 20.

Seguindo o mapa, podemos visualizar os espaços descritos pelo autor:

[...] a designação Bar do Ponto excedeu-se psicologicamente e passou a compreender todo um pequeno bairro não oficial mas oficioso: o que se pode colocar dentro do círculo cujo centro

seria o da praça e cujo raio cortasse a esquina de Goiás, um pouco de Goitacases, o cruzamento de Tupis com Espírito Santo, que tornasse a Afonso Pena, descesse Tamoios, entrasse no Parque defronte ao início do Viaduto Santa Teresa e voltasse à origem depois de reincursionar na espinha dorsal de Afonso Pena. Dentro deste círculo, tudo é Bar do Ponto. (p. 04)

O leitor logo percebe que Pedro Nava só pode ter trabalhado tendo em mãos um minucioso levantamento de dados. Observador atento (herança do médico), a quem não escapava nenhum detalhe, enumera todos os estabelecimentos que compunham “o vasto hexágono irregular” que servia de referência aos habitantes de Belo Horizonte. Vale ressaltar que o autor está se referindo a uma distribuição geográfica de cinquenta anos passados, uma vez que Beira-Mar foi publicado em 1978. A memória privilegiada confere à pena do escritor imagens e impressões únicas de uma cidade, no plano literário, que valem como imagens registradas por uma câmera fotográfica. Nava percorre todo o trajeto seguindo uma geografia sentimental em contraposição à meramente física. Essa geografia tem o poder de fazer aflorar lugares hoje desaparecidos. Nela há muitos elementos que podem ser recuperados ao sabor da narrativa do memorialista, como se pode perceber:

[...] olhava os altos de Tupis onde começava o céu, quando acabava a rua. [...] A esquina do seu Artur Haas. Dali quem atravessa Bahia, pisa no trecho mais importante de Belo Horizonte. As lajes de Afonso Pena que vão desse canto ao de Tupis. Nela se abriam as portas de três instituições. Eram [...] a Sapataria Central [...], a Papelaria e Livraria de Oliveira & Costa [...], finalmente o café, o nosso Bar do Ponto. (p. 05)

Os roteiros naveanos sobre o “Bar do Ponto” fornecem um mapa multidimensional em que podem ser plotadas as ruas, as casas e os estabelecimentos comerciais mesmo sem se ter tido acesso aos documentos de processo arquivados pelo autor.

Segundo Salles (1998:115) nos diferentes processos de criação podemos encontrar vestígios de várias linguagens uma vez que nem sempre os autores fazem os seus registros na linguagem na qual a obra será levada a cabo. Percepções visuais, por exemplo, podem se transformar em palavras; palavras são transformadas em diagramas, para depois ressurgirem, novamente, como palavras. *Trata-se, portanto, de um movimento de tradução intersemiótica, que, aqui, significa conversões ocorridas ao longo do percurso criador [...]*

Nava continua mostrando os limites estabelecidos pelo círculo imaginário do “Grande Bar do Ponto” e esclarecendo como se deveria fazer para atingi-los. Descendo a Rua da Bahia, renteando o triângulo ocupado pelo Correio antigo, alcançava-se o viaduto Santa Teresa. Depois de Bahia, continuando a circundar os Correios, entrava-se em Tamoios. À frente do triângulo passava a Avenida Afonso Pena por onde se entrava na repartição postal e *caía-se na doçura luz do hall, tamisada pelas imensas clarabóias.* (p. 07). Do ponto mais largo entre Espírito Santo e Tamoios, podia-se contemplar, dum lado, o Templo Protestante e do outro, a Matriz de São José, enorme, com suas três torres que se destacavam no céu, outrora livre. *Hoje ela encolheu, perdeu altura, esmagada pela palissada de arranha-céus construída nas suas costas.* (p. 07) Outro itinerário para se alcançar as lindes do “Grande Bar do Ponto” era subir Tupis. Do lado esquerdo, virando a esquina, ficava o Hotel Globo cujas dependências ocupavam o andar superior ficando o inferior distribuído entre a Sapataria Central, o Oliveira & Costa, o Café Bar do Ponto e a loja do Giacomo Aluotto. Logo depois da porta do hotel vinha a Farmácia de onde Nava pôde assistir, certa feita, a uma passagem que o marcou para sempre. Um grupo de rapazes, acompanhado por duas prostitutas, num tempo anterior à fiscalização dos tóxicos, parou no estabelecimento para se abastecer dos ditos e *chisparam por baixo dos ficus, demandando a estrada subúrbio com seu luar de prata e a nevasca das prises geladas. Tempo aquele...* (p. 08) Na outra esquina da Rua Tupis ficava a

Joalheria Diamantina. A seguir, na esquina de Tupis com Espírito Santo, a casa de Seu Roberto Corrieri em cujos jardins o autor se escondeu da polícia *num dia de motim, queima de bondes e de estudantes corridos pela cavalaria*. (p. 08) Virando à esquerda em Tupis e continuando pelo círculo imaginário, alcançava-se a Rua Goitacases. Continuando, cortava-se Bahia, o Teatro Municipal e os terrenos baldios de sua retaguarda para reatransversar Afonso Pena, entrar no Parque e dele sair em cima do Viaduto Santa Teresa. Mais alguns metros de subida, e novamente alcançava-se a esquina de Seu Artur Haas para *pisar solo sagrado: o quarteirão de Bahia que vai do Bar do Ponto propriamente dito até às esquinas fronteiras de Goiás e Goitacases*. (p. 09)

Constatamos, segundo Aguiar (1998:45) que *o espaço torna-se, assim, elemento da psicologia do homem que narra, por estar profundamente relacionado com as suas experiências*. Quem conhece a alma dos homens, penetra também a alma urbana e o escritor, pelo seu profundo envolvimento com a alma humana, é um grande revelador da cidade. Dessa geografia sentimental retira o autor as suas raízes e é ela que o faz pertencer verdadeiramente aos lugares aos quais se reporta, por mais descaracterizados ou mesmo desaparecidos que estejam.

Não é sem razão que Pedro Nava foi eleito Presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Rio de Janeiro, cidade onde se estabeleceu na década de 30 para exercer a Medicina. Dedicou ao Rio, nas páginas de seus livros, o mesmo amor declarado a Minas e o bairro da Glória – o largo, a rua, as transversais, as fronteiras da Lapa – já não podem ser dissociadas da figura, da pessoa, dos gestos e da voz evocativa de Pedro Nava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Joaquim Alves de (1998) *Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP.
- NAVA, Pedro (1985) *Beira-Mar: memórias IV*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- PANICHI, Edina Regina Pugas (1984). "Pedro Nava". In: *Folha de Londrina*. Caderno 2, p. 15.
- SALLES, Cecília Almeida (1998) *Gesto Inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP: Annablume.